

## LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E DECOLONIALIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE RODRÍGUEZ, ZEA E FREIRE

Brennan Cavalcanti Maciel Modesto <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Busca-se por meio da presente investigação estabelecer subsídios para a análise dos processos Educacionais vivenciados na América no século XXI. Ora, não é possível fazê-la ignorando os aspectos que vão desde o campo historial como a política e suas distintas relações com geografia e economia, mas, sobretudo, o modo como tais aspectos influenciam a constituição da subjetividade humana, em especial, no que tange a linguagem.

Para tanto, visamos responder duas questões: 1. O modo como se constitui a Educação na América ao longo da história e 2. O que, de fato, é a latinidade de que tanto se fala. Desta maneira, cremos, poderemos subsidiar uma série de investigações sobre as questões há tanto em aberto sobre a construção de conhecimento institucionalizada na América; em outras palavras, tratamos da escolarização.

Em vista do aprofundamento da análise empreendida, buscamos subsídios nas reflexões de 3 pensadores de distintas origens ao longo do continente: o mestre de Bolívar, Simón Rodríguez; o filósofo mexicano Leopoldo Zea e, por fim, o patrono da educação brasileira, cujo centenário se comemora no corrente ano, Paulo Freire. Cada qual dos autores apresenta teses ligeiramente distintas sobre as relações entre a aquisição da linguagem e a aprendizagem. Embora atribuam mais ou menos relevância às culturas originárias ou mantenham aproximação com as classes populares, em suas obras, ambos definem o campo da palavra como espaço de habitação, como posição de segurança, elemento central sobre o qual pode edificar-se o sujeito. Ou, nas palavras do filósofo alemão, como “a morada do ser”.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [brennancmm@gmail.com](mailto:brennancmm@gmail.com);

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Dado isto, faz-se necessário salientar que o presente escrito é fruto de revisão de literatura. Que se constrói por dupla via, coadunando diferentes maneiras de se produzir filosofia. Por um lado, emprega-se análise lógica e gramatical dos argumentos e construções conceituais dos autores; por outro, aplica-se uma análise genética das perspectivas apresentadas. De modo a utilizar os principais artifícios das tradições analítica e continental.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Sabendo que a educação não é um “em si”, ou seja, não determina a si mesma; não pode delimitar suas medidas, interesses e consequências sozinha; mas em relação, mediante um complexo arranjo de influências externas que partem das mais distintas matrizes.

Ou seja, compreendemos que a educação só pode dar-se em relação. Pressupomos que perpassa desde a linguagem até os jogos de poder que permeiam a sociedade. Logo, a abordagem de nossos três autores, a saber, Simón Rodríguez, Leopoldo Zea e Paulo Freire, possibilitam uma alçada pluri-epistemológica sobre as possibilidades do fazer educacional na América Latina.

O que chamamos de “primas” no presente contexto se baseiam nos conceitos-chave de Palavra, Povo e Educação. Nesta toada, seguimos ao pensamento do Sócrates de Caracas.

Rodríguez (2016) parte do pensamento autóctone *quíchua*, uma família de línguas indígenas que perpassam boa parte da América Latina e ainda hoje faladas por cerca de 10 milhões de pessoas, enquanto um dos fundamentos de seu Colégio de Órfãos e Garotos de Carpintaria, fundada na cidade boliviana de Chuquisaca, sua Escola Popular, como convencionou-se chamar.

O mestre de Bolívar, embora aluda à noção clássica de *scholé*, subverte-a, deixando desde este momento clara sua intenção decolonial; seu interesse em superar a lógica tradicional do cânone filosófico. O processo de transmutação da *scholé* baseia-se na assunção da Igualdade enquanto axioma, enquanto noção necessária e inquestionável para todo o construto vindouro.

Concomitantemente, a aproximação e a calorosa defesa da educação dos povos nativos é um grito pela necessidade de já não reproduzir o pensamento das antigas metrópoles; é uma denúncia da necessidade de olharmos para os aspectos e fatores que nos constituem; atentarmos às fatalidades que nos acometeram e tornaram-se condição de possibilidade para uma distinta perspectiva sobre a vida e sobre o conhecimento. Em outras palavras, podemos dizer que a vigorosa expressão “inventamos ou erramos” é simultaneamente um grito de inconformidade e o reconhecimento da finalidade de sua obra como um todo.

O supracitado amálgama é percebido por Leopoldo Zea, de um modo razoavelmente diferente. Este autor tinha como característica central de seu pensamento um forte enraizamento em temáticas caras à latinidade. Muito embora, para seu desenvolvimento, utilizasse das categorias tradicionais da(s) Filosofia(s) europeias.

Para o autor mexicano, criar raízes na latinidade é, na verdade, uma maneira peculiar de reafirmar a essência histórica do humano e, mais, é afirmar a historicidade da América que foi negada pelos seus colonizadores (Streck, 2010). Na verdade, Zea defende propriamente a originalidade filosófica dos povos nativos – portanto, autóctones, em detrimento de interpretações mais sobre a história da filosofia na América

Ao fim e ao cabo, chegamos à Freire (1967). Boa parte das análises sobre seu pensamento retomam as 40 horas de Angicos/RN como referencial, não faremos diferente no presente momento. Acreditamos que o modo como o pensador pernambucano relaciona os conceitos de Palavra, Povo e Educação é muito bem representado pela experiência vivenciada neste contexto. Haja vista que a compreensão de que a leitura de mundo prescinde a leitura da palavra não indica uma mera perspectiva metodológica, mas um horizonte político de absoluta libertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos, pois, que o interesse apontado por Freire é o mesmo expresso por Don Simón ainda no século XIX e presente nas entrelinhas da obra de Zea. O interesse no desenvolvimento, por meio da educação, de possibilidades de superação da posição servilmente receptora que nos foi imputada nos últimos cinco séculos.

Mais ainda, o caráter radical das investigações dos três autores acaba por endossar a pertinência de um horizonte que negue a tradição e a razão colonial que permeia toda a construção historial, cultural, econômica e linguística da América Latina. Sendo a educação, um dos caminhos possíveis para lograr-se êxito em tal atividade

**Palavras-chave:** Linguagem; Povo, Educação, Decolonialidade, América Latina.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

RODRÍGUEZ, Simón. **Inventamos ou erramos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016

STRECK, Danilo Romeu. **Fontes da pedagogia latino-americana: antologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.